

EUCARISTIAS De 27 de janeiro a 2 de fevereiro de 2025

DIA	HORA	LOCAL	
Segunda	18h00	Ribeira Seca	José Rodário da Silveira (7º Dia)
Terça	18h00	Ribeira Seca	João Teixeira (aniversário)
Sábado	16h00	Er. ^{da} S. ^{to} António	
	17h00	Biscoitos	
	18h00	Fajã dos Vimes	
Domingo	10h00	Manadas	
	11h00	Ribeira Seca	
	12h00	Calheta	

PENSAMENTO DA SEMANA

A justiça, sem amor, faz-te duro
 A inteligência, sem amor, faz-te cruel.
 A amabilidade, sem amor, faz-te hipócrita.
 A fé, sem amor, faz-te fanático.
 O dever, sem amor, faz-te mal-humorado.
 A cultura, sem amor, faz-te distante.
 A ordem, sem amor, faz-te complicado.
 A agudeza, sem amor, faz-te agressivo
 O apostolado, sem amor, faz-te estranho.
 A amizade, sem amor, faz-te interessado.
 O possuir, sem amor, faz-te avarento.
 A responsabilidade, sem amor, faz-te implacável.
 A ambição, sem amor, faz-te injusto.

Por último, ama, porque, como dizia São João da Cruz, «ao entardecer da vida, julgar-nos-á pelo amor».

José Miguel, em José M^a Alibau,

ZONA PASTORAL CENTRO

Calheta - Manadas - Ribeira Seca - Biscoitos - Fajã dos Vimes - Portal

Pe. Manuel Santos Teles. 295416484 Telm. 917633096 e-mail: padrema@mail.telepac.pt

Carta Familiar

BOLETIM INTERPAROQUIAL ANO XXIV SERIE II Nº 1189 26.01.2025

O QUE ME ENSINARAM

«Ensinarão-me que éramos os melhores, que os outros não eram assim tão bons, que só nós sabíamos a verdade enquanto os outros serviam a mentira.

Ensinarão-me que não devia ter comunhão com pessoas de outras religiões, porque isso era uma traição a Deus ou apostasia.

Ensinarão-me que só nos devíamos aproximar de outros crentes, agnósticos ou ateus para os converter ao nosso grupo, pois assim seriam salvos, caso contrário iriam para o tormento eterno.

Ensinarão-me que só nós tínhamos razão em matéria de sexualidade considerando qualquer pessoa que fosse diferente como um perverso...

E, pouco a pouco, o meu coração foi-se estreitando, havia cada vez menos espaço para os meus semelhantes, e comecei a sufocar, vendo morrer o amor que havia em mim.

Até que decidi dirigir o meu olhar para Aquele que foi ensinado por uma mulher pagã, Aquele que disse que o centurião romano tinha mais fé do que todos aqueles que se consideravam fiéis à Tradição oficial. Observei como se comportava com aquelas mulheres de sexualidade reprovável e como as pôs à frente de todos no Reino do seu Pai. Senti-me desafiado pela forma como derrubou todos os muros de separação, como dignificava todos os seres humanos, independentemente das suas origens ou caminhos escolhidos. Aprendi com ele que cada ser humano é meu irmão, minha irmã, que só o Deus da Vida é universal, e não o deus tribal do meu grupo.

E o meu coração começou a expandir-se, um ar novo entrou, uma visão diferente do mundo apareceu. E senti-me próximo dos meus irmãos, crentes ou não, de diferentes credos, de diferentes ideias, e compreendi finalmente, que não era melhor do que ninguém e que não sabia mais do que os outros.

Tive de desaprender o que me tinham ensinado e voltar a aprender aos pés d'Aquele que acolhia todos sem estabelecer condições. Viveu a compaixão até ao extremo de morrer às mãos daqueles que se consideravam melhores. Ele foi o Homem livre e libertador, que nos ensinou o caminho a seguir, reconhecendo os companheiros de viagem.

Ensinarão-me a odiar de uma forma piedosa, mas o amor foi abrindo o seu caminho, e eu consegui encontrar no rosto dos meus irmãos, crentes ou não, o meu próprio rosto, com uma voz interior que grita: "sou teu".»

Julián Mellado, in *Fé Adulta*



MEDITAR

O programa de Jesus: trazer alegria e liberdade

Todos os olhos estavam fixos nele. A voz de Isaías acabara de soar: palavras tão antigas e tão amadas, tão rezadas e tão desejadas, tão próximas e tão distantes.

Jesus procurou cuidadosamente essa passagem no rolo: conhece bem as Escrituras, há mil passagens que falam de Deus, mas escolhe esta, onde a humanidade é definida com quatro adjetivos: pobre, prisioneiro, cego, oprimido. Então fecha o livro e abre a vida. Aqui está o seu programa: trazer alegria, liberdade, olhos curados, libertação. Um messias que não impõe fardos, mas que os tira; que não traz preceitos, mas horizontes.

E são palavras de esperança para quem está cansado, é vítima, não aguenta mais. Deus começa dos últimos da linha, alcança a verdade do humano através de suas raízes enfraquecidas. Adão é mais pobre que pecador; é frágil antes de ser culpado; somos fracos mas não somos maus, é que temos as asas cortadas e enganamo-nos facilmente. No Evangelho fico sempre surpreendido e emocionado ao descobrir que naquelas páginas ardentes se fala mais dos pobres do que dos pecadores; mais de sofrimento do que de culpa. O Evangelho não é moralista, é libertador.

Deus sofreu vendo Adão tornar-se pobre, cego, oprimido, prisioneiro, e um dia não aguentou mais, e desceu, tomou a semente de Adão, entrelaçou o seu sopro com o nosso, os seus sonhos com os nossos. Veio e fez a vida brilhar, colocou novas músicas nos nossos corações, pedaços de estrelas a correrem nas nossas veias. Porque Deus não se tem a si mesmo como meta, nós somos o objetivo de Deus. O catecismo subversivo, avassalador, revolucionário de Jesus: não é o homem que existe para Deus, mas Deus que existe para o homem. E considera cada pobre mais importante do que ele mesmo. Eu sou aquele pobre homem. Orgulhoso no orgulho do amor: ninguém tem um Deus como o nosso.

E então Jesus abre ainda mais o céu, esboça um dos traços mais belos do rosto do Pai: "Eu vim para pregar um ano de graça do Senhor", um ano de graça, do qual Jesus sopra as notas no submundo de humanidade (R. Virgili); um ano, um século, mil anos, toda uma história feita apenas de benevolência, para mostrar que Deus não é apenas bom, mas unicamente bom.

"És um Deus que vive de nós" (Turolto). E para nós: «Não nos interessa um divino que não faça florescer o humano. Um divino que não corresponda ao florescimento do humano não merece que nos dediquemos a ele »" (D. Bonhofer).

Se calhar Deus está cansado de devotos solenes e austeros, de heróis da ética, de eremitas piedosos e pensativos, talvez queira jograis felizes, como São Francisco, felizes de viver. Olhos como estrelas. E prisioneiros saídos do segredo que dançam ao sol. (M. Delbrel).

Ermes Ronchi

O TEMPO É AGORA

«Os pobres, nas nossas cidades, dormem ao relento durante o verão e morrem de frio no inverno. As nossas crianças vão para a cama com fome. As nossas mulheres não podem andar sozinhas nas nossas ruas, por medo de serem vítimas de violação, assaltos e violência. O resto do mundo, apanhado na fúria da época, bate-nos à porta mendigando “lugar na estalagem”. E tu e eu, que fazemos nós para resolver a situação? Limitamo-nos a ficar de pé e a ver tudo isto passar?

A tentativa, obviamente, é recusar o convite a “seguir” realmente Jesus – ou seja, a estar na nossa época como Ele estava na sua, a alimentar de facto os famintos, a contestar as práticas de opressão [...] Com efeito, muitas vezes, ignoramos, resistimos ou rejeitamos a ideia de que, tal como Jesus, nós temos um papel a desempenhar para endireitar um mundo cujo eixo se tem vindo a inclinar na direção errada.

Recusamo-nos a aceitar a ideia de que virar de novo os ponteiros da bússola dos nossos mundos para o verdadeiro Norte da alma é o que significa ser verdadeiramente espiritual. A nossa missão é ser “obediente”, preservar as leis, os jejuns, os dogmas e os dias de festa, argumentamos. Contudo, a pergunta que muitas vezes não conseguimos fazer é esta: obedientes a quê e obedientes a quem? A nossa missão é ser obedientes, durante toda a nossa vida, à vontade de Deus para o mundo. [...]

Sim, o ideal cristão é a bondade pessoal, claro, mas a bondade pessoal requer que nós sejamos mais do que piedosos, mais do que fiéis ao sistema, mais do que meros membros encartados da comunidade cristã. O Cristianismo também requer que cada um de nós seja de tal modo uma presença profética, que o nosso cantinho do mundo se transforme num lugar melhor devido à nossa presença aí.

Não temos espaço, aqui na Terra, para dedicar uma vida inteira à manutenção da rotina espiritual perfeita, da antisséptica limpeza moral e de um amargo silêncio resignado, na solidão. Nada disso, com efeito, marcou a vida do próprio Jesus, que “convivia com pecadores”, curava estrangeiros, chamava as mulheres ao discipulado, e discutia com escribas e fariseus acerca da natureza da própria fé, irritando os líderes tanto do Templo como do trono, tanto a religião como o Governo.

Em vez disso, a chamada de Jesus é a chamada à profecia, a dar uma palavra de Deus a um mundo que prefere os rituais religiosos e o conforto espiritual às exigências de maturidade moral. A sermos testemunho de profeta num lugar sem profetas.»

Joan Chittister, in *O Tempo é Agora*